Valor Econômico
Publicado em 01/02/2024 - 05:58

Copom reduz juros a 11,25% e indica mais dois cortes da mesma magnitude

Política monetária Colegiado do Banco Central prevê novos cortes de 0,5 ponto percentual na taxa de juros "nas próximas reuniões"

Copom reduz Selic para 11,25% e indica que manterá ritmo

Gabriel Shinohara e Alex Ribeiro
De Brasília e São Paulo

O Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central fez o quinto corte seguido de 0,5 ponto percentual e levou a taxa Selic a 11,25% ao ano em reunião na quarta-feira. O colegiado sinalizou que, caso o cenário evolua como previsto, antevê reduções na mesma magnitude "nas próximas reuniões". A decisão foi unânime, em linha com o que era esperado pelo mercado e sem novidades relevantes em relação ao comunicado da reunião anterior.

O BC evitou mais uma vez sinalizar qual vai ser a taxa no fim do ciclo de distensão monetária, dizendo que manterá a política contracionista para colocar a inflação na meta e reancorar as expectativas de inflação.

Também condicionou os cortes futuros à evolução da dinâmica inflacionária, em especial dos preços mais sensíveis à política monetária e à atividade econômica, das expectativas de inflação dos agentes de mercado, em particular daquelas de maior prazo, de suas próprias projeções de inflação, do nível de ociosidade da economia e dos fatores de risco que podem fazer a inflação se desviar do previsto, como a política fiscal e o ambiente internacional.

Antes da decisão, pesquisa do Valor Data mostrava que, de 142 instituições financeiras e consultorias ouvidas, 141 estavam esperando a redução de 0,5 ponto percentual na Selic. Apenas uma casa projetou um corte de 0,75 ponto. Para o fim de 2024, o ponto médio das projeções indica taxa de 9% ao ano.

Para o Copom, a conjuntura atual é caracterizada por um processo desinflacionário "que tende a ser mais lento" do que a primeira fase, quando a queda de preços de commodities e bens industriais levou a uma forte desaceleração no avanço de preços. O colegiado disse que ocorreu uma reancoragem "apenas parcial" das expectativas de inflação à meta de 3% definida pelo governo, já que o mercado espera uma inflação de 3,5% no longo prazo. Segundo o BC, o cenário global segue "desafiador".

Para o cenário externo, a análise do Copom é de uma continuidade da volatilidade marcada tanto pelo debate sobre o início da flexibilização da política monetária nas principais economias, quanto pelos sinais de queda dos núcleos de inflação, "que ainda permanecem em níveis elevados em diversos países". No comunicado anterior, o Copom ainda via sinais "incipientes" de queda dos núcleos. Na comparação com dezembro, o comitê retirou a menção a um ambiente externo "menos adverso", marcado pelo "arrefecimento das taxas de juros de prazos mais longos nos Estados Unidos".

O Copom ainda ressaltou que os BCs das principais economias continuam com a determinação de convergir as taxas de inflação para suas metas, mesmo com a pressão nos mercados de trabalho.

> Para o Copom, conjuntura atual é caracterizada por um processo desinflacionário 'que tende a ser mais lento'

No cenário doméstico, o colegiado considerou que a inflação cheia ao consumidor manteve a trajetória de desinflação, "conforme esperado". O Copom ainda ressaltou que, nas divulgações mais recentes, as medidas de inflação subjacente "se aproximam da meta para a inflação".

Pelas projeções de inflação do Copom, o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) cairá dos 4,62% registrados em 2023 para 3,5% em 2024 e 3,2% 2025, considerando o cenário de referência, em que a meta da taxa Selic termina 2024 em 9% ao ano. Essas expectativas são as mesmas do comunicado de dezembro, que usava uma Selic de 9,2% ao fim de 2024.

Já as projeções para os preços administrados ficaram em 4,2% em 2024 e 3,8% em 2025. Na projeção anterior, o número era de 4,5% para 2024 e 3,6% em 2025. O comitê também ressaltou que seu horizonte relevante agora é de 2024, e em grau maior, 2025.

Os fatores de risco para a inflação permaneceram os mesmos da decisão de dezembro, que reduziu a Selic de 12,25% para 11,75% ao ano. Para o colegiado, são dois riscos de alta que podem fazer a inflação superar o projetado: uma maior persistência das pressões inflacionárias globais e uma resiliência maior do que a projetada da inflação de serviços "em função de um hiato do produto [medida de ociosidade da economia] mais apertado".

Segundo o Copom, também são dois os principais riscos de baixa. O comunicado cita a possibilidade de uma desaceleração mais acentuada do que a projetada da atividade econômica global e um impacto na desinflação, mais forte do que o esperado, do aperto monetário sincronizado. "O Comitê avalia que a conjuntura, em particular devido ao cenário internacional, segue incerta e exige cautela na condução da política monetária", afirmou.

O Copom também manteve a menção sobre a importância da "execução das metas fiscais já estabelecidas". O governo estabeleceu como objetivo zerar o déficit primário do setor publico neste ano, depois de um resultado negativo de 1,3% do Produto Interno Bruto (PIB) em 2024. De acordo com o comunicado, esse fato é relevante para a ancoragem das expectativas de inflação e para a condução da política monetária. "O comitê reafirma a importância da firme persecução dessas metas."

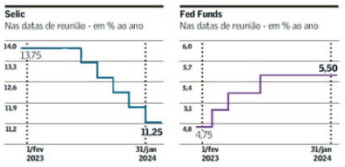
A decisão por mais um corte de 0,5 ponto percentual na Selic nesta reunião de janeiro representou uma continuidade na sequência de cortes iniciada em agosto de 2023, quando a taxa básica estava em 13,75%. Desde então, foram cinco reduções na mesma magnitude.

Antes do início dos cortes, a taxa Selic ficou estável em 13,75% por 12 meses, desde agosto de 2022. Essa estabilidade representou o pico de um ciclo de altas iniciado em março de 2021 e terminado em agosto de 2022.

Nesse período, o Copom elevou os juros de 2% a 13,75% ao ano, uma alta de 11,75 pontos percentuais em um esforço do Banco Central para combater a inflação no pós-pandemia.

O comitê volta a se reunir nos dias 19 e 20 de março. ***(Colaboraram Estevão Taiar e Gabriela Pereira de Brasília)***

Momento distinto
Brasil sai na frente dos EUA nos cortes de juros



Fontes: Banco Central e FED. Elaboração: Valor Data

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Valor Econômico - São Paulo/SP

Seção: Finanças **Caderno:** C **Pagina:** 1

Copyright © Clipclap 2026.